

SOBRE OS DIZERES NAS ESQUIZOFRENIAS¹

Mariluci NOVAES

RESUMO Neste artigo a esquizofrenia sai de seu lugar tradicional de doença de um indivíduo para uma forma de dizer de um sujeito. Primeiramente, problematizo as noções de indivíduo e de sujeito, sustentadas por uma visão em que a linguagem é transparente e o pensamento é por ela representado. Na segunda parte situo a esquizofrenia nos dizeres, como efeitos de estranhamento no outro. Efeitos de estranhamento que vêm de se estar na diferença, a partir de um já-estar na semelhança. Diferença e semelhança são refletidas através daquilo que proponho nomear composições anagramáticas. Na terceira parte, problematizo a oposição sentido/não-sentido, enquanto efeitos de estranhamento num outro na língua e no discurso, a partir de uma instância que surge além das fronteiras do sentido e do não-sentido: o real. Na ordem do real, o lugar da alíngua atende à necessidade teórica de se tocar o imprevisível na língua constituída e no discurso, mas altera substancialmente a direção teórica da questão sobre os dizeres nas esquizofrenias.

ABSTRACT In this article the schizophrenia is moved from its traditional place of a disease of an individual to be considered as one form of speech from one subject. In the first part I discuss the notions of individual and subject, which are sustained by a point of view that language is transparent and thought is represented by it. In the second part of the article I set schizophrenia in the speech as effects of strangeness over another. Effects of strangeness which come from the difference state since a point of already-being in the resemblance. Difference and resemblance are considered as effects through something that I propose to name anagrammatical compositions. In the third part I question the opposition sense/non-sense as effects of strangeness over another situated in the language and in the discourse from an instance that appears beyond sense and non-sense: the real. In the real order the place of language attends to the theoretical necessity to approach the unpredictable in language and discourse, but changes substantially the theoretical direction about the speech in schizophrenia.

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado intitulada *Os dizeres nas esquizofrenias: uma cartola sem fundo*, apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, em 7 de março de 1995, sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia Thereza Guimarães de Lemos.

INTRODUÇÃO

Todos os lugares comuns acerca da loucura de uma maneira geral, e não só da esquizofrenia, uma de suas manifestações, compatibilizam-se com noções do senso comum de que o indivíduo é uma instância homogênea e socialmente responsável. O louco, sendo um indivíduo doente, ocupa o lugar marginal ao agrupamento dos indivíduos que se apresentam como dotados de razão.

Quem é o louco? O louco é o indivíduo segregado pela sociedade, aquele que perdeu o uso da razão, que não diz coisa com coisa, que tem o juízo fora do lugar. É o irresponsável por atos e dizeres. Quem é o representante da segregação? É o indivíduo que se apresenta como dotado de razão e que define e determina quem é louco. Assim, é na categoria de indivíduo que se situa o lugar da loucura segundo a Psiquiatria, discurso responsável pela manutenção da segregação.

Na oposição razão/loucura, apesar da tentativa de corte radical, ocorre um movimento de referência recíproca: a loucura é uma forma relativa à razão, a loucura só tem sentido e valor no próprio campo da razão. A razão, por sua vez, também é uma forma relativa à loucura e a razão só tem sentido e valor no próprio campo da loucura. Segregados e segregantes são cúmplices, quer queiram ou não.

I. A ESQUIZOFRENIA NO DIZER

O reconhecimento da loucura pelo médico marca a posição da diferença, uma diferença que finge não ver a semelhança inerente a sua posição. Aquele que a reconhece se compromete nas relações da loucura. A diferença absoluta é estruturalmente inexequível. Não se pode reconhecer a diferença sem reconhecer a semelhança. A necessidade de colocar a loucura na posição de um objeto de saber vem de uma exigência angustiante de manter o campo da razão intocável. Daí que todas as antinomias que orientam o olhar sobre a loucura só se constituem no ponto extremo de dissociação.

Quando o louco fala, o dizer que é a ruptura do dizer-padrão “normal” torna-se um sintoma, um sintoma que tem que ser referido a uma doença. Um sintoma muito particular porque não há uma lesão cerebral que possa ser assimilada ao sintoma, como tradicionalmente se faz no diagnóstico das afasias. Nas afasias, a ruptura na linguagem é vinculada a lesões específicas para cada tipo de “déficit”². Normalmente é na Lingüística que é procurado o estatuto de cientificidade para as rupturas definidas como déficits. Ou seja, “provas materiais”, obtidas por tomografia computadorizada e outros exames, comprovam as lesões que se prestam para o diagnóstico do sintoma (a ruptura

² Em NOVAES (1991), “Linguagem e cognição: um estudo através da afasia e da acalculia”, dissertação inédita de mestrado, UFRJ, R.J., elaboro uma crítica a essa tradição teórica de identificação de lesão a sintoma, mostrando que lesões associadas à síndrome da acalculia não conseguem explicar outros sintomas, como os de ruptura na enunciação e dificuldade nas chamadas “sínteses espaciais”, que fariam parte da atividade do cálculo.

na linguagem). Esse tipo de atitude clínica diante do sintoma faz parte da prática da medicina em geral. Mas como na medicina o critério de classificação de doenças costuma ser a causa da patologia e, na Psiquiatria, as causas das doenças mentais ainda são controversas, outros critérios passam a ser utilizados na determinação das doenças mentais. Dizer que o indivíduo é esquizofrênico significa dizer que ele apresenta uma série de manifestações que se enquadram na entidade patológica esquizofrenia. A esquizofrenia, portanto, é um conceito médico.

É uma suposta transparência da linguagem que permite avaliar o interno pelo externo e a relação do indivíduo com o mundo exterior. O dizer vai ser então um dos instrumentos (talvez o mais eficaz) de análise do médico, para que ele reconheça o indivíduo esquizofrênico. Só por ser a linguagem tida como transparente para eles, é que a “alteração da linguagem” pode ser reconhecida como “alteração do pensamento”, visto que a linguagem tem o papel de representar um estado interno. Aquilo que o indivíduo diz revela as profundezas de suas perturbações mentais.

O rótulo “distúrbio mental” por essa visão de que a linguagem é transparente na manifestação das desordens mentais aponta, contudo, que há algo no dizer que provoca uma ruptura, uma frustração de antecipação daquilo que o ouvinte poderia esperar que alguém dissesse. O médico se vê diante de um dizer que não compreende, um dizer em cortes. Assim, a palavra daquele que é nomeado louco tem que ser autenticada pelo outro que passa a ser responsável por seu dizer. A verdade ou o delírio tem que receber autenticação do outro. A loucura é, assim, não um estado por si só, como o câncer ou a aids, mas algo que comporta sempre o outro, o outro que “diz” a loucura no lugar do louco. O termo ‘linguagem’ em sua representação de desordens mentais diz respeito apenas a uma função. Mas se torna uma estrutura que necessita de um sujeito constituído - o sujeito psicológico - usuário de uma língua. Assim a relação língua / estrutura psíquica é instrumental.

O dizer na esquizofrenia acaba se tornando um objeto de um saber impossível, na medida em que é colocado como uma positividade, como uma identidade em si mesma, mas nomeada de fora, de um lugar também de positividade, de identidade. Tanto o outro-médico quanto o esquizofrênico fazem parte de um discurso da não-relação, da diferença enquanto exclusão. Mas a indagação sobre o que faz o dizer um dizer na esquizofrenia não pode partir de um lugar que destitua aquele que diz de sua condição de sujeito e que tampouco desvie o olhar da especificidade dos dizeres, porque:

(1) uma ordem de dizer outra está em jogo, que não se sustenta numa hipótese de que a linguagem é transparente e espelha o pensamento por ela representado; o não se poder atribuir sentidos ao que o esquizofrênico diz indicia que os dizeres não têm sentidos iminentes;

(2) um sujeito outro está em jogo, que não seja um sujeito consistente em si mesmo, homogêneo e uno - o sujeito da Psicologia; o esquizofrênico é descrito como aquele que não controla seu dizer, que “não diz coisa com coisa e é “controlado por forças estranhas”;

(3) um outro “outro” está em jogo na relação de atribuição de sentidos que não seja o outro-médico com seu dispositivo de leitura e de escuta orientado para diagnóstico; se o esquizofrênico é falado pelo discurso do outro, o dizer na esquizofrenia perde sua positividade, a sua identidade a si próprio, para se tornar elemento de uma estrutura que inclua a diferença e a semelhança, ou seja, que inclua o outro.

Essas três condições apresentam algo em comum: a desconstrução da divisão radical entre indivíduos normais e esquizofrênicos, o que faz o normal deixar de esclarecer o esquizofrênico. Nessa desconstrução, o dizer deixa de atravessar as antinomias radicais e também deixa de suportar o estatuto de “reprodutor” (ou tradutor) da patologia. O dizer perde a função de trazer à tona os sintomas das esquizofrenias. O dizer deixa de ser transparente. O dizer, ainda, deixa de carregar o estatuto complementar de assimilação do indivíduo ao sujeito.

II. AQUILO QUE ESTRANHO PODERIA SER DITO POR MIM

O movimento de vir-a-saber convocado pelo estranhamento nos dizeres nas esquizofrenias volta-se para a psicanálise lacaniana, naquilo que leva a formular a minha questão: o que faz o dizer um dizer na esquizofrenia? Uma questão refletida a partir de alguns conceitos vindos da Psicanálise e orientada pelo que veio dos dois Saussures, o do *Curso ...* e o dos anagramas e que muda a relação do linguísta, como eu, com os dizeres.

Na formulação da minha questão encontra-se um conceito de sujeito como efeito pontual no dizer e não um conceito de sujeito como função egóica, necessário a uma teoria lingüística de enunciação: um sujeito que sabe o que diz, um sujeito fonte de sentidos, um sujeito constituído e anterior ao dizer. Utilizo um conceito de outro que se torna sujeito, também pontual, ao ser interpelado pelo estranhamento como instaurador da legitimidade de uma língua constituída (a língua portuguesa) e como provedor de sentidos demandados pelo dizer.

O estranhar vem sempre como efeito de algo que falta para que o dizer tenha sentido. O sujeito na esquizofrenia não se estranha, ele não se escuta na falta de sentido. Para ele seu dizer faz sentido. Por outro lado, o outro é afetado pelo dizer exatamente porque o dizer demanda sentidos, mas o sujeito na esquizofrenia não é afetado pelas tentativas de ressignificação do dizer pelo outro. O lugar, portanto, da esquizofrenia, enquanto efeito de estranhamento, não existe *a priori*, já que se situa na posição atribuída a partir de um outro lugar.

O estranhamento que afeta o outro constitui-se de quê? De uma frustração de expectativas - expectativas de redescobrir algo familiar. A ruptura da antecipação de sentidos - o estranhamento pelo outro - exige um retorno sobre o dito para que algo seja ressignificado, já que num primeiro momento algo dos efeitos do dizer soa familiar. A frustração se segue porque não há ressignificação possível no movimento de volta.

Palavras e categorias da língua têm sobre o sujeito na esquizofrenia uma eficácia imaginária, da ordem da proliferação.

O dizer vindo de R.³, a ser comentado, consiste em duas palavras retiradas de uma lista de palavras com uma certa organização a partir de alguns segmentos (unidades previsíveis na língua ou não) que se repetem em outras palavras (segmentos-tema de construções lingüísticas que proponho nomear composições anagramáticas) e de formas fônicas que se repetem ou se ocultam nas palavras (formas fônicas-tema). Segmentos e formas fônicas funcionam como base para a composição anagramática de outras palavras:

COMETA⁴

cometer - come-ti-dô, cometidô, comi tinha, cú-meterei, cú-mete-Rei, cú-metido, cú-mitidô, comete, cumi-tia, cu-metia

AMARELO

ama ré logo comete, ama-ré-lar pato amarelar, pato-ama-ré-lar, (arma pato amarelo)

Esses sentidos imputados às palavras surgiram na época que R. queria matar o irmão, segundo me relatou, porque o irmão tinha problemas com drogas. As “explicações” de R., se começam a desvendar a composição anagramática presente na palavra AMARELO, não são suficientes e nem esgotam o estranhamento causado. AMARELO se torna uma palavra-dizer. Numa de suas consultas, R. contou à médica que, quando colocava a CAMISA AMARELA (que usava), pensou em AMARELO como um ATO: AMA (é a menina que ele está a fim), RE (ré é o ânus), LO ... GO COMETE (o ônibus da viação Cometa e seus números, que circula no bairro onde mora). R. explica que só conseguirá essa mulher se provar que gosta de mulher: matando seu irmão e seu pai. Seu pai tinha uma BRASÍLIA AMARELA, que não emprestava a ele. A ARMA que usaria chama-se PATO AMARELO. AMARELO lembra MAC DONALD, porque ele leu que o amarelo é usado no logotipo e na decoração do Mac Donald para atrair as pessoas para comerem. Por isso ele se lembrou de COMIDA. De comida lembrou de PATO COM LARANJA, nome de uma peça de teatro. Antes de sair de casa ele falou para o irmão: AMARELAR.

Apesar de essas considerações não consistirem numa narrativa original de R. a mim, a partir das anotações realizadas pela médica, podem ser destacados nomes incisivos às palavras ditas e escritas por R.. São três nomes: ANTERO (nome do pai de R.), RAUL (nome do irmão de R.) e MATAR. As pistas para a composição anagramática desses nomes nas palavras são dadas explicitamente por R. ao dizer que precisa matar o pai e o irmão para provar que gosta de mulher. Destacando algumas das palavras ditas

³ Durante a apresentação de R. a mim pela médica que o acompanhava no Hospital Universitário Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro, em 1992, ficou combinado que R. traria por escrito as palavras que ele costumava pensar e interpretar de modo particular.

⁴ Nome do fabricante dos ônibus especiais (os frescões) que circulam no bairro onde R. mora.

por R. e anotadas pela médica, pode-se montar um (entre outros) esquema anagramático em torno do anagrama MATAR / AMARELAR:

AMARELO	ATO	COMETE
CAMISA AMARELA	PATO AMARELO	COMETA
AMA ARMA	MAC DONALD	COMIDA
RE PATO COM LARANJA		
LO		
GO		COMETE
A	MA	RE
		LAR

Como aparecem os outros nomes no esquema anagramático proposto? Vou tomar primeiramente a palavra AMARELO, por manter uma sonoridade muito próxima ao nome ANTERO (nome do pai), na mesma seqüência de vogais a - e - o. A palavra AMARELO, devido a mesma seqüência vocálica, pode servir de “manequim” para o nome ANTERO, tomando o termo ‘manequim’ emprestado de Saussure dos anagramas. O que pode ser mera coincidência - A - - - - O como manequim para ANTERO - parece ser confirmado em outras palavras encontradas na lista fornecida por R. O nome ANTERO se insere na composição anagramática de palavras que tenham o segmento ‘SA’, o qual ele refere explicitamente ao pai:

AMARELO CAMISA AMARELA

SA

abreviatura de Sasá Mutema, (pessoas que se enquadravam como Sá, o meu pai *anthero*, o Governador brizola, como se eles tivessem pedido ao PDS, as pessoas do meu curso do impacto na Tijuca chamavam um colega deles e meu de Sá-sá toda hora e eu também quando estava desorientado foi na época da minha crise Sa-sa mutema - mutema, monta em cima.

CAMISA ca-mi-SÁ

CAMISA DE COMETA

uma camisa que eu vi numa janela e que a pessoa pedia para eu vestir que significava rapido como se eu tivesse que fazer propaganda dos ônibus cometa antes de eles sairem (comé-tinha, cú meter)

SAPATO SÁ-pato SÁ “otario”

Retomando a composição anagramática na palavra AMARELO:

AMA	associa-se à garota que ele quer namorar
RE	associa-se a CU, presente nas derivações da palavra COMETA
LO e GO	servem de conectores na passagem da palavra à sentença

Essa segmentação da palavra AMARELO é imprevisível na língua portuguesa. Lado a lado com essa imprevisibilidade, há uma segmentação, por unidade, previsível na língua: as duas desinências verbais indicadoras da 1a pessoa do singular, presente do indicativo e do infinitivo - AMARELO/AMARELAR. Há previsibilidade também na alteração da categoria de nome AMARELO para a categoria verbal - AMARELO, como ocorre em 'canto' (nome) e 'canto' (1a. pessoa do singular do presente do indicativo). A imprevisibilidade e a previsibilidade, portanto, estão juntas na composição anagramática de outras palavras que permitem se chegar ao anagrama MATAR. Como também em COMETE/COMETA - forma verbal/forma verbal -, vindas de COMETA, nome próprio não-segmentável que muda de categoria, de nome próprio para verbo. Mas de que forma é armada essa composição anagramática?

AMARELO	ATO	ARMA	AMARELAR
MA	T	AR	
M	AT		AR

ou ainda:

AMA	RE	LO	GO	COMETE	AMARELAR
MA				T	AR

ou ainda:

AMA	RE	LO	GO	COMETA	AMARELAR
MA				TA	R

O possível funcionamento para o que estou chamando de composição anagramática não parece ser um encontro fortuito de formas fônicas e segmentos. As formações anagramáticas, em torno do desejo de R. de matar o pai e o irmão para provar que gosta de mulher estão tecidas nas palavras de sua lista. E onde encontrar o anagrama RAUL? Afinal R. contou à médica que tinha que matar também o irmão e não somente o pai. A pista pode ser dada por uma sigla, que faz parte da lista de palavras:

UERJ

U er ji - U neste caso significa Raul o meu irmão assim como RA, também quer dizer Raul, jí ou j-significa 'guei'

Estranhamente, no conjunto de palavras ditas em torno da palavra AMARELO, não há sequer uma que tenha a forma fônica correspondente a U, que servisse de monófono (outra expressão de Saussure) na composição anagramática dos nomes em torno de AMARELO e COMETA e remetesse para o anagrama RAUL. Um dífono - CU -

vindo de COMETA surge em diversas composições anagramáticas. O RA poderia estar em LARANJA, de PATO COM LARANJA? O 'J' de LARANJA também seria uma incisa de 'GUEI', ligado ao nome RAUL? Em FANTA COM LARANJA, podem-se encontrar os anagramas MATAR E RAUL, quando R. faz uma associação indireta com o ato de matar em "apontar o gargalo para alguém"?

FANTA LARANJA

fã tu la arranja como se quando eu tivesse bebendo no gargalo estivesse apontando para alguém

Apontar o gargalo não poderia ser associado a apontar uma arma, o PATO AMARELO? E nesse caso, a palavra LARANJA não teria em sua composição o anagrama RAUL? Se juntarmos ainda estas palavras com outras da lista, talvez possam ser completados os três núcleos possíveis de composições anagramáticas de palavras que apontam para os três anagramas: ANTERO (nome do pai de R.) / RAUL (nome do irmão de R.) / MATAR (o que ele dizia que tinha que fazer para provar que gostava de mulher). Os três núcleos, pelos esquemas anagramáticos propostos acima, já estão presentes e sintetizados na composição anagramática AMARELO (apesar de RAUL poder estar presente pela ausência nessa formação).

Esse dizer apresenta à primeira vista uma estranha particularidade: a convivência de unidades lingüísticas com segmentos materiais da língua portuguesa na composição anagramática de palavras. A segmentação das palavras nem sempre se conforma totalmente a possíveis segmentações por unidades lingüísticas. Constatam-se, assim, dois tipos de identidade - uma material e outra relacional - responsáveis pela segmentação significativa para R.. Não há necessariamente referência ao resto do sistema da língua. Um certo valor particular é atribuído a segmentos, em virtude da similitude material entre formas fônicas e segmentos. A similitude material confere a segmentos materiais o mesmo estatuto produtivo de unidades lingüísticas no interior do sistema da língua.

A possível similaridade fônica, por exemplo, entre [ko] e [ku] na palavra COMETA, tornou esse segmento material, por homofonia, numa unidade produtiva analogicamente dentro do dizer de R.. De uma parte, a composição anagramática mostra-se ambígua porque, ao mesmo tempo que atualiza uma participação da homofonia no objeto da língua, ela torna essa mesma homofonia inassimilável pela língua. Os segmentos [ko] e [ku] não são analogicamente produtivos na língua portuguesa, mas para R. eles o são. Isso provoca um efeito de estranhamento no outro, já que se trata de uma forma inantecipável. Se o segmento material [ku], no texto de R., é integralmente tecido na materialidade da língua portuguesa, por que a essa mesma língua escapa a motivação contingente e produtiva do segmento como unidade (ou de qualquer outro)?

A redistribuição a que a forma fônica [ku] é submetida nas composições anagramáticas das palavras acima, por exemplo, atribui a ela uma identidade própria. Dá-lhe uma forma de figura positiva em seu caráter contingencial. Os anagramas, os

segmentos-tema, as formas fônicas-tema parecem desfazer a relação arbitrária entre material fônico e material semântico, que há na língua, porque imprime às materialidades de segmentos e formas fônicas sentidos absolutos e não-arbitrários.

Assim, para continuar formulando a questão deste trabalho: o que faz o dizer um dizer na esquizofrenia, há uma necessidade estrutural de abordar o mesmo (o familiar) e o diferente nos dizeres nas esquizofrenias pela ordem da língua constituída e pela ordem do discurso, às quais vou me referir adiante.

III. O QUE VOCÊ DIZ NÃO FAZ SIGNO

A condição de legitimidade do dizer pode não se restringir apenas à ordem da língua constituída. Ao se frustrar com as promessas de sentidos que não se cumprem com a ação dessa língua, o outro é convocado a buscar num discurso-outro um espaço virtual de interpretação do dizer, um ato de interpretação que se cumpra na materialidade do dizer sem se descolar da estrutura. A estrutura lingüística é a única garantia que o outro tem para não se sentir excluído de sua própria língua. Mas quando eu digo não ser excluído de sua própria língua eu quero dizer que essas promessas de sentidos que não se cumprem não colocam o outro numa posição perante sua língua de um mero manipulador de significantes destituídos de sentidos.

Um dizer também se filia a certos domínios estabilizados de sentidos. O que é da ordem do discursivo também é da ordem do antecipável. Uma antecipação na circulação de certos sentidos, uma certa expectativa de uma unidade referencialmente autônoma que subsista por si mesma no dizer e garanta sentidos. Mas que referencialidade seria essa?

Vejamos o enunciado EU SOU O ELETROENCEFALOGRAMA, dito a mim por G.. Se uma atribuição de sentidos para o substantivo ELETROENCEFALOGRAMA poderia implicar uma determinada relação de referencialidade entre nome e coisa no mundo, o caráter referencial ou não de uma unidade não é uma característica intrínseca da unidade, mas um efeito de sentido pré-construído em outras relações discursivas - no sentido atribuído por Pêcheux (1988:171), de que o pré-construído “remete simultaneamente àquilo que todo mundo sabe”. O caráter de referencialidade tem que ser de outra ordem, de uma ordem em que o caráter referencial ou não-referencial de uma unidade não seja uma característica intrínseca desta unidade.

Se a atribuição de sentidos ao nome ELETROENCEFALOGRAMA não pode ser mantida na referencialidade pela determinação de uma relação entre nome e coisa no mundo, por essa noção de referencialidade implicada por uma substituição sinonímica, no estilo dos dicionários, também não haveria possibilidade de substituição. O problema está na infração à restrição de seleção que impede que o enunciado mantenha a promessa de sentidos que vem da ação da língua constituída, especificamente da organização sintática previsível nessa língua. A categoria de substantivo em ELETROENCEFALOGRAMA traz ainda um outro fator paradoxal: como definir a substância por sua referencialidade fora do discurso (animado, humano etc...) e definir o

comportamento dessa unidade na cadeia do enunciado frente a outra categoria - o pronome (EU) - se o verbo é a base de escolha de nomes e adjetivos na teoria das restrições de seleção? O que ocorre, então, com a relação entre a categoria de substantivo e as outras categorias (verbo e pronome)? A não-garantia de sentido deve-se à absorção da gramática pelo discurso?

Será que ELETROENCEFALOGRAMA provocaria um efeito de sentido numa relação de paráfrase caso houvesse algum domínio estabilizado de significação que lhe conferisse autenticação de significação numa relação interdiscursiva? Mas como não há possibilidade de paráfrase, de substitubilidade por algo estabilizado que venha de qualquer domínio estabilizado, EU SOU O ELETROENCEFALOGRAMA torna-se um enigma. Naturalmente, que eu poderia propor algumas “soluções” para desvendar o enigma, tais como substituir EU SOU O ELETROENCEFALOGRAMA por:

Eu sou maluco porque fiz o eletroencefalograma.

Eu sou uma máquina.

Eu sou o resultado de um exame.

Eu sou o meu diagnóstico.

Essas “soluções” na verdade amparam-se em “soluções” produzidas em lugares estabilizados de significações, mas que não se constituem em unidades substitutas, unidades parafrásticas do enunciado original. Ou seja, esse enunciado só pode se relacionar com ele próprio. Se compararmos EU SOU O ELETROENCEFALOGRAMA com ELA É UM AVIÃO, do ponto de vista da língua, a estrutura de ambos enunciados é a mesma, o que difere uma da outra é somente o ponto de vista discursivo. ELA É UM AVIÃO permite uma substituição parafrástica, que vem de um domínio estabilizado de significação como “ela é gostosa”, ou “ela é lindíssima” e por aí vai. EU SOU O ELETROENCEFALOGRAMA não faz série. Nasce e morre na enunciação.

Portanto, uma ação da língua constituída sobre si mesma ao não garantir sentidos interpela o outro como efeito de um lugar de exterioridade radical a essa língua colocando-o sob um efeito discursivo de antecipação de sentidos nos quais ele já se inscreveu como sujeito. Mas isso não ocorre diante do enunciado EU SOU O ELETROENCEFALOGRAMA. Assim, a oposição sentido/não-sentido torna-se perturbadora na consideração do outro como um OUTRO NA LÍNGUA e não como um OUTRO DA língua e como um OUTRO NO DISCURSO e não como um OUTRO DO DISCURSO.

A solução de se alojar no lugar da alíngua contempla uma possibilidade terceira. Por tratar-se de uma especificidade outra, a instância do real (na perspectiva laciana) se apresenta num ponto de toque com o imprevisível da língua e com o imprevisível do discurso. A alíngua é da ordem do real. Altera substancialmente a direção teórica da questão sobre os dizeres nas esquizofrenias porque a primazia na organização do dizer muda de lugar e sai da organização própria em que a língua constituída entraria em ação para uma organização de outra ordem: a ordem dos significantes, no sentido laciano

do termo. A primazia fica com a cadeia de significantes, com a cadeia sintática de significantes que monta o dizer.

O deslocamento da ordem da língua constituída e da ordem do discurso para a ordem do real (a ordem da alíngua) é um deslocamento curioso. As condições materiais de base para a ordem do real são as sistematizações fonológicas, morfológicas, semânticas e sintáticas da ordem da língua constituída, assim como a repetição de sentidos antecipáveis por formações discursivas determinadas na ordem do discurso. Se o OUTRO NA LÍNGUA e o OUTRO NO DISCURSO, pela escuta via fala virtual dos dizeres nas esquizofrenias, instalam-se num lugar à deriva ao serem jogados para a ordem do real, essa é uma condição da impossibilidade de se manter na oposição sentido/não-sentido. O dizer é sempre um dizer para o outro, mas se esse outro é jogado para fora pela ordem do real, ele só o é porque a questão do sentido está em jogo, mas não do sentido em oposição ao não-sentido.

CONCLUSÃO

A imposição do real no dizer pode ser refletida no dito de Lacan de que tudo que não é simbolizado aparece no real. O princípio de “escolha” nas composições anagramáticas vem desse real que se impõe, mas que se enquadra na ordem da língua constituída e na ordem do discurso. A língua enquadra a alíngua, a alíngua enquadra a língua nesse sentido. A escolha não é aleatória porque se os sentidos nas composições anagramáticas escapam ao outro isso não significa que o dizer não responda às demandas de um fazer signo, demandas que vêm do real. O fato de não se fazerem signo não significa que não haja sentidos no dizer.

BIBLIOGRAFIA

- DERRIDA, J. 1978. “Cogito and the History of Madness” in: J. Derrida, *Writing and Difference*. Chicago: The Un. of Chicago Press
- _____. 1973. “Linguística e Gramatologia” em: *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva
- _____. 1967. “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas” em: *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva
- FREUD, S. [1972 (1919)] *O Estranho*. Obras Completas, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago
- _____. [1972 (1905)] *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Obras Completas, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago
- FOUCAULT, M. 1991. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva
- GADET, F. e HAK, T. (Orgs.) 1990. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp
- LACAN, J. 1988. Seminário 3: *As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- _____. 1978. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva
- LEMOS, C. T. G. 1992. “Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio”. *Substratum*. vol. 1, no. 1, 121-135
- MILNER, J. C. 1978. *L'amour de la langue*. Éditions du Seuil, Paris

- NOVAES, M. 1995. *Os dizeres nas esquizofrenias: uma cartola sem fundo*. tese de doutoramento inédita, UNICAMP
- _____. 1991. *Linguagem e Cognição: um estudo através da afasia e da acalculia*, dissertação de mestrado inédita, UFRJ
- PÊCHEUX, M. 1990. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes
- _____. 1988. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP
- SAUSSURE, F. de *Curso de Lingüística Geral*, 9a. edição. São Paulo: Cultrix
- SCHWARTZ, S. 1982. "Is there a schizophrenic language?", *The Behavioral and Brain Sciences*, 5, 579-588
- _____. 1982. "If there were such people as schizophrenics, what language would they speak?", *The Behavioral and Brain Sciences*, 5, 615-620
- STAROBINSKI, J. 1974. *As palavras sob as palavras (os anagramas de Ferdinand de Saussure)*. São Paulo: Perspectiva.